

## A OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA DA NEOLOGIA LEXICAL: SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DO LÉXICO

Ieda Maria ALVES<sup>1</sup>

- RESUMO: Com este trabalho, procuramos apresentar alguns resultados que nos têm proporcionado a observação sistemática da neologia lexical em um *corpus* jornalístico. Essa observação tem-nos mostrado, entre outros, os seguintes aspectos da formação de unidades lexicais neológicas: migração de formantes<sup>2</sup> das línguas de especialidade para a língua comum; características comuns entre léxico e gramática, a saber: polissemia entre afixos; gramaticalização de unidades lexicais; lexicalização de afixos.
- PALAVRAS-CHAVE: Neologia; neologismo; polissemia; gramaticalização; lexicalização.

### Introdução

Estudos sobre a neologia lexical são bastante frequentes no decorrer do século XX, especialmente, tanto no português como nas demais línguas românicas. Trabalhos de cunho estruturalista, que descrevem diferentes tipos de *corpus* (literário, jornalístico, publicitário...), caracterizam-se por apresentarem análises pontuais baseadas nos materiais estudados.

Os estudos sistemáticos de caráter neológico tiveram início com a criação de observatórios de neologia, graças à iniciativa do Prof. Bernard Quemada, que, no *Laboratoire d'Analyse Lexicologique du Centre d'Etude du Vocabulaire Français* sediado na cidade francesa de Besançon, criou, no início da década de 60, o primeiro observatório de análise da neologia lexical com base em um *corpus* jornalístico.

A partir dessa iniciativa pioneira, projetos de observação da neologia foram criados em outros países. Citamos, a título de exemplo, o *Observatório do*

---

<sup>1</sup> USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – 05508-900 – São Paulo – SP – Brasil. Endereço eletrônico: iemalves@usp.br

<sup>2</sup> Utilizamos *formante* na acepção de B. Quemada (1981), para quem o termo inclui as unidades lexicais mínimas ligadas – radicais, elementos de composição de palavras herdados das línguas clássicas, afixos (prefixos e sufixos) –, e de G. Quemada (1983), que inclui, entre os formantes, as siglas e os acrônimos.

*Português Contemporâneo* da Universidade Nova de Lisboa (Lisboa, Portugal), e o *Observatori de Neologia (OBNEO)* da Universidade Pompeu Fabra (Barcelona, Espanha), criados na década de 80; o *Osservatorio Neologico della Lingua Italiana* da Universidade Roma La Sapienza (Roma, Itália), e o *Observatório de Neoloxía*, da Universidade de Vigo (Vigo, Espanha), criados em 1998.

No Brasil, em 1988, foi implementado o *Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo do Brasil* (Projeto TermNeo),<sup>3</sup> que cumpre a finalidade de coletar, analisar e difundir aspectos da neologia geral e da neologia científica e técnica do português contemporâneo. Desde janeiro de 1993, o Observatório realiza a coleta sistemática da neologia da língua comum, não-especializada, cujos resultados são registrados na *Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo* (doravante *Base*). Nesse projeto, um *corpus* constituído pelos jornais *Folha de S. Paulo* (FSP) e *O Globo* (G) e pelas revistas *IstoÉ* (IE) e *Veja* (V), observados por amostragem (um veículo por semana), tem propiciado a coleta de neologismos de caráter vernáculo e estrangeiro.

Conceitua-se o neologismo, no Projeto TermNeo, como uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou um estrangeirismo recebido de uma outra língua. O neologismo, fortemente vinculado ao caráter social da linguagem, é sempre resultante de um fato social, que, em um determinado momento da história da sociedade, determina a criação de uma nova unidade lexical. Como princípio metodológico, consideram-se neológicas as unidades lexicais que não estão incluídas em um *corpus* de exclusão, ou seja, um conjunto de dicionários de língua que exerce o papel de filtro para determinar se uma unidade lexical tem estatuto neológico ou não-neológico (BOULANGER, 1979).

Os observatórios de neologia foram criados com o objetivo principal de fornecerem unidades lexicais neológicas para os dicionários de língua. Desde a década de 80, no entanto, com os subsídios metodológicos que a Linguística de Corpus tem possibilitado aos lexicógrafos, esse objetivo inicial dos observatórios já não mais necessita ser buscado.

Que função cumprem, então, os atuais observatórios de neologia?

O estudo dos dados fornecidos pela *Base* permite-nos responder que os observatórios de neologia cumprem, atualmente, a função de observação da língua em movimento, ao nos possibilitarem verificar a reciclagem de elementos vernáculos e a incorporação de estrangeirismos ao léxico da língua.

Neste trabalho, abordaremos apenas o primeiro aspecto, ou seja, como os falantes reciclam os elementos do português, reutilizando-os sob outras funções.

<sup>3</sup> Cf. o sítio do projeto: [www.fflch.usp.br/dlcv/neo](http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo).

Exemplificaremos tal reutilização com ênfase em dois aspectos: migração de formantes das línguas de especialidade para a língua comum; consideração de características comuns entre léxico e gramática.

## Migração de elementos das línguas de especialidade para a língua comum

A análise dos dados da *Base* permite-nos constatar a ocorrência de um grande número de formações prefixais. Classificamos, dentre os prefixos, alguns formantes que são diferentemente analisados nas gramáticas do português (elementos de composição, compostos ou radicais gregos e latinos, pseudoprefixos, prefixóides) e que em geral se referem a uma língua de especialidade. Assim, formantes latinos ou gregos que ultrapassaram os limites de uma língua de especialidade, em geral científica, e são contemporaneamente empregados sem referência a uma especialidade, são por nós classificados como prefixais. Desse modo, prefixos como *hiper-*, *macro-*, *mega-*, designativos de intensidade crescente, e *micro-* e *nano-*, designativos de intensidade decrescente, tradicionalmente formadores de termos das ciências e das técnicas, estão constituindo unidades lexicais da língua geral, não-pertencentes a áreas de especialidade.<sup>4</sup> Exemplificamos com unidades lexicais derivadas com os prefixos *mega-* e *nano-*:

A propósito dos <megalançamentos> de <megaartistas>. Se as gravadoras estão tão pobres como dizem, por que fazer um “book” de fotos do artista, pra que serve? Pra todo mundo receber, achar lindo e jogar no lixo? Esse <megainvestimento> poderia ir, em parte, para um novo artista. (G, 4 jul. 1999)

<Nanoguitarra>

A menor guitarra do mundo tem apenas 10 micrômetros de comprimento, o tamanho aproximado de uma única célula. Os pesquisadores a esculpiram em uma placa de silício apenas para mostrar o estágio tecnológico alcançado. (FSP, 19out. 1997)

Essa passagem de formantes constitutivos de termos técnico-científicos para a língua comum não é característica do português, sendo também observada em outras línguas românicas. O emprego no idioma francês de *hyper-*, fora de contextos especializados, já fora mostrado no final do século XIX, por Darmesteter, que, aliás, deplorava o procedimento:

<sup>4</sup> Na área da Química, por exemplo, desde o final do século XIX, pesquisadores têm manifestado preocupações com a formação dessa terminologia e têm adotado, em suas reuniões internacionais, prefixos para cada denominação dos múltiplos e submúltiplos do Sistema Internacional de Unidades: *yotta-*, *zetta-*, *exa-*, *peta-*, *tera-*, *giga-*, *mega-*, *quilo-*, *hecto-*, *deca-*, *deci-*, *centi-*, *mili-*, *micro-*, *nano-*, *pico-*, *femto-*, *atto-*, *zepto-*, *yocto-* (<http://www.inmetro.gov.br/infotec/publicacoes/Si/si.htm>).

Ils /des exemples/ montrent aussi que ces mots ne restent pas confinés dans le domaine restreint de la science, mais envahissent de tous côtés la langue commune, la pénètrent, et menacent de la désorganiser. L'extension, le progrès des sciences, la vulgarisation, pour employer le terme consacré, l'action incessante de la presse, le développement de l'industrie, répandent dans l'usage général de ces termes qui n'auraient pas dû sortir du laboratoire du chimiste, ni du cabinet des philosophes. Ouvrez à certaines pages le dictionnaire de M. Littré, vous trouverez des séries de colonnes de mots grecs que l'auteur a crus assez autorisés par l'usage pour leur donner droit de cité dans son trésor de la langue française. Or, ce n'est pas impunément que ces termes, formés en vertu de lois inconnues à notre idiome, s'installent au milieu des termes français: c'est une plantation exotique qui vient se greffer sur les végétations indigènes, s'y développer, et peut-être les étouffer. Nous avons vu que des suffixes, des particules grecques sont devenues usuelles: ose, ite, archi, anti; bientôt hypo et hyper jouiront des mêmes avantages. (DARMESTER, 1972, p.246-247)

Relativamente ao português, observava C. Michaélis de Vasconcelos, em *Lições de filologia portuguesa*, obra publicada em 1946, que o formante *anti*-integrava-se então apenas a palavras eruditas, a exemplo de *antídoto*. Contemporaneamente, o formante é um dos prefixos mais empregados em formações da língua comum, conforme atestam os dados que temos observado.

### **Características comuns entre léxico e gramática**

Um outro aspecto que a observação sistemática da neologia permite-nos constatar diz respeito às relações entre léxico e gramática.

Diferenças entre léxico e gramática têm sido enfatizadas por diferentes correntes lingüísticas. Bloomfield, no clássico *Language*, declarava o caráter regular dos fatos gramaticais, que se distinguem por esse traço dos fatos lexicais, considerados por ele como irregulares:

The lexicon is really an appendix of the grammar, a list of basic irregularities. This is all the more evident if meanings are taken into consideration, since the meaning of each morpheme belongs to it by an arbitrary tradition. (BLOOMFIELD, 1941, p.274)

A observação das unidades lexicais neológicas nos dados coletados tem-nos mostrado que, apesar das diferenças que caracterizam elementos lexicais e elementos gramaticais, há também, entre eles, pontos em comum.

É certo que as palavras lexicais, representadas pelas classes dos substantivos,

adjetivos, verbos e advérbios formados com o sufixo *-mente*, pertencem a um inventário aberto, sempre susceptível de receber novos elementos. No entanto, o inventário de elementos gramaticais, como os prefixos e os sufixos, é também susceptível de sofrer alterações. Afixos podem apresentar mais de um significado, assim como as unidades lexicais. E observa-se, ainda, um movimento que vai do léxico para a gramática, pela gramaticalização, e, de maneira inversa, da gramática para o léxico, pela lexicalização.

Desse modo, os dados que observamos permitem-nos aderir à concepção de Halliday, que, com base em seus estudos sobre *corpus*, vai considerar que o sistema lingüístico é fundamentalmente probabilístico e que não há diferenças entre o léxico e a gramática. Halliday (2004) considera que, apesar das dificuldades para se identificar uma palavra, o que varia nas diferentes línguas, um ponto comum entre elas é que cada uma apresenta um vocabulário, ou léxico (“a **vocabulary**, or ‘lexicon’”), que integra a gramática dessa língua, ou sua *lexicogramática* (*lexicogrammar*). O autor assim explicita o conceito de lexicogramática:

Every language has a **vocabulary**, or ‘lexicon’, which forms one part of its **lexicogrammar**. The lexicogrammar of a language consists of a vast network of choices, through which the language construes its meanings [...] (HALLIDAY, 2004, p.2)

Há, de fato para Halliday, um continuum entre léxico e gramática, como enfatiza Léon:

O léxico e a gramática formam um continuum: em uma extremidade se encontra o léxico que tem a propriedade de ser aberto, enquanto a gramática, na outra extremidade, contém classes fechadas. Para Halliday, as duas hipóteses, propriedades estatísticas das línguas e complementaridade entre léxico e gramática, são estreitamente associadas. (LÉON, 2006, no prelo)

Procuraremos evidenciar esse continuum entre léxico e gramática, mostrando pontos comuns entre fatos lexicais e fatos gramaticais: afixos também podem tornar-se polissêmicos; unidades lexicais podem ser gramaticalizadas; afixos podem ser lexicalizados.

### **Polissemia entre afixos**

Constatamos que alguns afixos, analogamente às unidades do léxico, sofrem mudanças significativas, tornando-se polissêmicos. Exemplificamos tal fato com o sufixo *-ção* e o prefixo *re-*.

O sufixo *-ção*, definido nas gramáticas e dicionários como indicativo de “ação ou resultado de ação” (BECHARA, 1999, p.358; HOUAISS; VILLAR, 2001, p.41), acresce a esses significados o de “reiteração de uma ação”, que chega a ser repetitiva e enfadonha, a exemplo da unidade lexical *tocação* no excerto apresentado a seguir:<sup>5</sup>

Em tempo: para acabar com a <tocação> de campainha, Andréa organizou para essa semana uma tarde de autógrafos no condomínio. Público não vai faltar. (IE, 17 set. 1997)

Outro exemplo de polissemia afixal é representado pelo prefixo *re-*, que, além de significar “repetição”, por vezes significa “repetir pela segunda vez”, daí resultando o emprego reiterativo do afixo em *rereeleição*, em que denota “uma segunda reeleição”:

O governo Fernando Henrique Cardoso atuou nos bastidores da diplomacia internacional para tentar dar uma capa de legitimidade à <’rereeleição’> do presidente peruano, Alberto Fujimori, e evitar o isolamento do Peru no cenário mundial. (FSP, 28 maio 2000)

Prefixos e sufixos, de maneira similar às unidades do léxico, sofrem modificações quanto à frequência de seus empregos. O prefixo *a-*, de origem grega, presente na formação neológica *aterritorial*, tem um uso contemporâneo extremamente restrito, segundo nossos dados. Sufixos como *-izar* e *-(iz)ação*, ao contrário, são muito empregados para expressar a “expansão de um processo”, a exemplo de *favelizar* e *favelização*.

Observa-se também que um fato histórico pode exercer influências sobre a frequência do emprego de um afixo já integrante do acervo gramatical de uma língua, causando, por isso, um uso polissêmico. Exemplificamos com o sufixo *-aço*, que forma derivados aos quais atribui as noções básicas de “grandeza, coleção” (*barcaça, fumaça, ricaço*) e de “intensidade” (*canhonaço, pistolaço*), que algumas vezes conotam ironia ou pejoratividade (CUNHA, 1982, p.10). Os fatos ocorridos no Chile a partir de 1973, quando as classes média e alta começaram a protestar contra o governo socialista de Salvador Allende, batendo painéis para provocar ruído forte, determinaram o emprego do espanhol *cacerolazo*, em português decalcado sob a forma *caçarolaço* (*caçarola* + *-aço*), logo substituída por *panelaço*, com a base *panela*, mais empregada no Brasil do que *caçarola*.

Seguindo-se a *panelaço*, vários outros neologismos com *-aço* têm sido formados no português brasileiro, como *goleiraço*, o que tem contribuído para o emprego mais frequente desse velho sufixo português:

<sup>5</sup> Maroneze, em sua Dissertação de Mestrado (2006), observou casos de polissemia em sufixos nominalizadores.

O Brasil tem muitos goleiros de boa qualidade, desde jovens como Rogério e André, passando por menos jovens como Dida e Danlei, seguindo com os já andados como Velloso e Carlos Germano, bastante experientes como Ronaldo e Zetti, até um digno símbolo como Taffarel. Mas falta um que seja tão indiscutível como Gilmar nas campanhas de 1958 e 1962, apesar de seu reserva, Castilho, ter sido um <goleiraço>. (FSP, 17 ago. 1997)

Paralelamente ao significado de “grandeza”, expresso em *goleiraço*, *-aço* denota também, como em *apitaço* e *panelaço*, uma “ação repetitiva e barulhenta”:

COM <PANELAÇO>

Estudantes se reúnem no centro de Campinas para manifestação que foi acompanhada pela Polícia Militar e chegou a ter <panelaço> e <apitaço>. (FSP, 22 mar. 2002)

## **Gramaticalização de unidades lexicais**

Outro ponto comum que observamos entre léxico e gramática concerne ao movimento que orienta elementos lexicais para a gramaticalização e, de maneira inversa, de elementos gramaticais para a lexicalização.

Dentre as várias definições atribuídas, contemporaneamente, ao conceito de gramaticalização, tomaremos com parâmetro o conceito proposto por Hopper e Traugott (1993), que atribuem a uma unidade lexical a possibilidade, em certos contextos, de desempenhar função gramatical e, uma vez gramaticalizada, poder ainda atuar em outros papéis gramaticais:

We define grammaticalisation as the process whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions, and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions. (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p.xv)

Os dados extraídos da *Base* têm-nos mostrado várias formações compostas em que o segundo substantivo, empregado reiteradamente em diferentes unidades lexicais na mesma posição, começa a exercer uma função característica de elemento sufixal. Desse modo, os substantivos *base*, *chave* (o mais freqüente nessa função), *chefe*, *fantasma*, *monstro*, *padrão*, *relâmpago*, entre outros, ocupam freqüentemente a segunda posição em compostos por justaposição, perdendo parte de seu significado e adquirindo um valor sufixal (ALVES, 1986/1987).<sup>6</sup> Alguns exemplos dessas formações são apresentados a seguir:

<sup>6</sup> Dubois (1971) e Lifetree-Majumdar (1974) estudaram o mesmo fenômeno em francês. Segundo Dubois (p.178-179), tal emprego corresponde a uma das características do movimento sufixal francês contemporâneo.

**-base:** *acampamento-base, alimento-base, cidade-base, equipe-base, guarnição-base, moeda-base, núcleo-base, peça-base, período-base, preço-base, time-base, vencimento-base;*

**-chave:** *cargo-chave, conceito-chave, decisão-chave, delator-chave, documento-chave, encontro-chave, episódio-chave, fator-chave, figura-chave, grandeza-chave, local-chave, momento-chave, obra-chave, pessoa-chave, ponto-chave, variável-chave;*

**-chefe:** *analista-chefe, brigadeiro-chefe, categoria-chefe, cozinheiro-chefe, embaixador-chefe, figura-chefe, figurinista-chefe, operador-chefe, projetista-chefe, secretário-chefe;*

**-fantasma:** *bairro-fantasma, candidato-fantasma, cheque-fantasma, conta-fantasma, funcionário-fantasma, gol-fantasma, operação-fantasma, paciente-fantasma, sindicato-fantasma;*

**-monstro:** *biblioteca-monstro, bicho-monstro, comício-monstro, congestionamento-monstro, marido-monstro, médico-monstro, tarefa-monstro;*

**-padrão:** *argumento-padrão, comportamento-padrão, desconto-padrão, operação-padrão, paciente-padrão, planilha-padrão, procedimento-padrão, questionário-padrão, terapia-padrão;*

**-relâmpago:** *ataque-relâmpago, campanha-relâmpago, carreira-relâmpago, galã-relâmpago, liquidação-relâmpago, operação-relâmpago, participação-relâmpago, romance-relâmpago, torneio-relâmpago, turnê-relâmpago.*

A gramaticalização pode resultar, algumas vezes, de fatos históricos. É o que ocorre com *-gate* (elemento de composição integrante de Watergate), empregado em vários idiomas em função sufixal desde o episódio ocorrido em junho de 1972, em plena campanha presidencial norte-americana, quando cinco homens arrombaram o Comitê Nacional do Partido Democrata, localizado no Edifício Watergate, em Washington. Presos pela polícia, foram identificados como colaboradores de Richard Nixon, então candidato do Partido Republicano à Presidência dos Estados Unidos, o que não impediu a vitória do candidato. No entanto, as suspeitas de que Nixon tivesse responsabilidade pessoal no caso acentuaram-se e culminaram, em agosto de 1974, com a demissão do Presidente.

Desde então, diferentes unidades lexicais têm sido formadas com *-gate*, vinculadas, sempre, ao significado de “corrupção, escândalo”, a exemplo de *livretogate*:

Cheiro de <livretogate> em Paris (tít.)

Parece até a política paulista, com histórias que terminam em ‘gate’ e envolvem primeiras-damas. O tiroteio de acusações de corrupção



que tomou conta da França nos últimos meses atingiu em cheio Xavière, mulher de Jean Tiberi, prefeito de Paris e pupilo do presidente Jacques Chirac. (V, 27 maio 1998)

A gramaticalização pode também ser o resultado de unidades lexicais que sofrem o processo da truncção: *bio-* < *biologia*, *ciber-* < *cibernética*, *e-* < inglês *electronic*, *eco-* < *ecologia*, *narco-* < *narcótico*. Tais elementos truncados assumem função prefixal e unem-se a unidades lexicais para derivarem uma nova palavra prefixada. Esses novos prefixos representam situações contemporâneas – os avanços da Informática (*ciber-*, *e-*), a luta pela preservação do meio-ambiente e por uma vida mais saudável (*bio-*, *eco-*), os problemas relativos ao consumo e ao comércio de drogas (*narco-*).

Apresentamos alguns exemplos dessas formações:

**ciber-** *ciberapresentador*, *cibercafé*, *cibercrime*, *cibercrítico*, *ciberdetetive*, *ciberempresário*, *ciberespaço*, *ciberguerra*, *cibernauta*, *ciberobra*, *cibertecnologia*, *ciberterapia*;

**e-** *e-analfabetismo*, *e-cinema*, *e-comércio*, *e-contracheque*, *e-cultura*, *e-curioso*, *e-livro*, *e-moço*, *e-trailer*, *e-voto*;

**bio-** *bioarqueólogo*, *biocampeão*, *biochip*, *biodança*, *biodiesel*, *biodiversidade*, *bioeticista*, *bioforma*, *biomodulador*, *biomusical*, *bionauta*, *biooceânico*, *bioorgânico*, *biopirata*, *bioprospecção*;

**eco-** *ecobesteira*, *ecobife*, *ecobrigão*, *ecochato*, *ecodesigner*, *ecofuturista*, *ecopicareta*, *ecoproduto*, *ecoregião*, *ecoturismo*, *ecossonda*, *ecovisitante*, *ecoxiita*;

**narco-** *narcocorrupção*, *narcodólar*, *narcoeconomia*, *narcoexportador*, *narcogoverno*, *narcoguerrilheiro*, *narconegócio*, *narcoparlamentar*, *narcopolítica*, *narcossala*, *narcotráfico*.

Desse modo, observa-se que os fatos que ocorrem em uma sociedade não apenas determinam a criação de novas unidades lexicais, como ainda provocam alterações na estrutura morfológica da língua, contribuindo para o acréscimo de prefixos e sufixos ao inventário afixal da língua.

## Lexicalização de afixos

O processo da lexicalização é também observado na formação de novas unidades lexicais.

Empregamos lexicalização em duas acepções. De acordo com a primeira, mais difundida, o fenômeno é definido como: “processo lingüístico que transforma

um agrupamento livre num agrupamento estável, isto é, que solda uma série de morfemas para deles fazer uma única unidade lexical” (GALISSON; COSTE, 1983, p.431).

Em uma acepção mais restrita, o processo, em oposição a gramaticalização, inclui, também, a passagem de um morfema gramatical para o estatuto de unidade lexical. Desse modo, um formante prefixal como *micro-* (< *microcomputador*), que passou a ser empregado em função substantival desde o final da década de 90, com o desenvolvimento da Informática, sofreu o processo da lexicalização. Para Bally (*apud* DUBOIS et al., 1978, p.362), a lexicalização representa um processo de “desgramaticalização’, um processo que favorece o léxico às custas da gramática”.

O prefixo *super-* lexicaliza-se em alguns contextos, geralmente publicitários, exercendo função adjetival, como se observa nos exemplos a seguir, extraídos de Alves (2000):

Ela é <super> em tudo: no visual super bem transado, na linguagem superfácil de ser entendida e, principalmente, no seu conteúdo surpreendente, superespetacular e superemocionante. (V, 30 set. 1987)

Além de um número incrível de participantes, o nível de qualidade das frases também foi <super>. (V, 10 maio 1989)

Prefixos marcadores de intensidade, como *macro-* e *micro-*, também se lexicalizam em função adjetival, a exemplo do que se constata no excerto:

O mercado, a disposição dos consumidores a comer fora, está portanto ali, é real. Mas, entre o dado <‘macro’> e a concorrência <‘micro’>, mistérios sempre há de existir. (FSP, 20 abr. 1997)

Em diferentes contextos, o prefixo *mini-* lexicaliza-se também em função adjetival, para denotar intensidade menor do que a de “pequeno” e a de “infantil”, como se observa nos excertos que se seguem:

Mas somente os <mini> e pequenos produtores terão direito à correção integral destes preços no período de fevereiro de 1988 a julho de 1988. (IE, 2 set. 1987)

Acabou assumindo inteiramente o time da Unimep em julho do ano passado e hoje mantém cinco equipes de basquete: <mini>, infantil, infanto-juvenil e adulto. (IE, 15 mar. 1989)

A substantivação de afixos pode ser exemplificada por meio dos prefixos *super-* e *hiper-* que, no excerto a seguir, exercem função substantival ao

receberem a carga semântica dos substantivos *superinflação* e *hiperinflação*, respectivamente:

Não é preciso ser economista para admitir que quando a <super> virasse <híper> o país e todos os seus habitantes estariam hoje numa penúria acachapante. (V, 18 abr. 1990)<sup>7</sup>

Outro exemplo de prefixo que passa a exercer função substantival é *tele-*, que, nessa função, representa uma “empresa operadora de telecomunicações”:

As <teles> e os bancos ainda são casos recentes para uma análise definitiva /.../ (G, 3 dez. 2000)

### Considerações finais

Procuramos enfatizar, neste trabalho, como os observatórios de neologia, criados com o objetivo principal de fornecerem unidades lexicais neológicas para dicionários de língua, cumprem, atualmente, outras funções. Desse modo, se a Lexicografia contemporânea pode beneficiar-se dos subsídios que a Lingüística de Corpus vem proporcionando à constituição de macroestruturas de dicionários, as bases de observação sistemática da neologia lexical permitem a constatação de vários fenômenos relativos à formação de novas unidades lexicais.

Dentre esses fenômenos, descrevemos, neste trabalho: a migração de formantes das línguas de especialidade para a língua comum, migração essa exemplificada com os prefixos *mega-* e *nano-*; algumas características comuns entre léxico e gramática, a saber: polissemia entre afixos, demonstrada com os afixos *-aço*, *-ção* e *re-*; gramaticalização de unidades lexicais, a exemplo de substantivos, como *chave*, que ocupam freqüentemente a segunda posição em compostos por justaposição, e de unidades lexicais que sofrem o processo da truncação (*bio-* < *biologia*) e passam a assumir função prefixal; lexicalização de afixos, os quais podem ser adjetivados (exemplificados por *macro-*, *micro-*, *mini-* e *super-*) ou substantivados (exemplificados por *hiper-*, *super-* e *tele-*).

Consideramos, assim, que os observatórios de neologia são importantes, contemporaneamente, por nos permitirem constatar, dentre outros aspectos, como os falantes reciclam elementos da língua para a formação de novas unidades lexicais.

---

<sup>7</sup> Este exemplo, assim como os dois anteriores, são extraídos de Alves (2000).

ALVES, I. M. Systematic observation of lexical neology: a contribution for lexicon analysis. *Alfa*, São Paulo, v.50, n.2, p.131-144, 2006.

- **ABSTRACT:** *In this work, we present some results based on a systematic observation of lexical neology in a journalistic corpus. That observation has shown us, mostly, the following aspects of neologic lexical units formation: the migration of elements from specialized language to common language; common characteristics between the lexicon and the grammar: the polissemey of certain affixes; the grammaticalization of lexical units; the lexicalization of affixes.*
- **KEYWORDS:** *Neology; neologism; polissemey; grammaticalization; lexicalization.*

## Referências bibliográficas

ALVES, I. M. Aspectos da composição nominal no português contemporâneo. *Alfa*, São Paulo, v.30, n.1, p.55-63, 1986/1987.

\_\_\_\_\_. *Um estudo sobre a neologia lexical: os microsistemas prefixais do português contemporâneo*. 2000. 365f. Tese (Livre-Docência em Lexicologia e Terminologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Henry Holt, 1941.

BOULANGER, J.-C. Problématique d'une méthodologie dynamique d'identification des néologismes en terminologie. In: *NEOLOGIE et lexicologie*. Paris: Larousse, 1979. p.36-46.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DARMESTETER, A. *De la création actuelle de mots nouveaux dans la langue française et des lois qui la régissent*. Genève, Slatkine Reprints, 1972.

DUBOIS, J. Mouvements observés dans les suffixations en français contemporain. In: \_\_\_\_.; DUBOIS, C. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971. p.133-197.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística*. Tradução de I. BLIKSTEIN et al. São Paulo: Cultrix, 1978.

GALISSON, R.; COSTE, D. *Dicionário de didáctica das línguas*. Trad. de Adelina Angélica Pinto et al. Coimbra: Almedina, 1983.

- HALLIDAY, M. A. K. Lexicology. In: \_\_\_\_\_. et al. *Lexicology and corpus linguistics*. London: Continuum, 2004.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LÉON, J. A lingüística de *corpus*: história, problemas, legitimidade. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, São Paulo, v.8, 2006 (no prelo).
- LIFETREE-MAJUMDAR, M. J. Composition nominale en français. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, v.24, n.1, p.63-84, 1974.
- MARONEZE, B. O. *Um estudo da nominalização no português do Brasil com base em unidades lexicais neológicas*. 2005. 191f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- QUEMADA, B. Les noms des mots ou des noms pour les mots: studies in honour of Roberto Busa S.J. *Linguistica Computazionale*, v.4/5, p.203-223, 1981.
- QUEMADA, G. *Dictionnaire de termes nouveaux des sciences et des techniques*. Paris: Conseil International de la Langue Française, 1983.
- VASCONCELOS, C. M. de. *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Revista de Portugal, 1946.

### **Bibliografia consultada**

- CABRÉ, M. T. La néologie dans la presse catalane: premières données d'un observatoire de néologie. *La Banque des Mots*, Paris, p.75-84, 1990. Numéro spécial.
- CABRÉ, M. T.; FREIXA, J.; SOLÉ, E. (Coord.) *Lèxic i neologia*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 2002.
- FREIXA, J., SOLÉ, E. (Coord.) *Llengua catalana i neologia*. Barcelona: Meteora SL, 2004.
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- LINO, M. T. R. F. Néologie(s) et terminologie: observatoire du portugais contemporain. *La Banque des Mots*, Paris, p.67-74, 1990. Numéro spécial.
- MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie*. Paris: Didier, 1953.

*NÉOLOGIE et lexicologie*: hommage à Louis Guilbert. Paris: Larousse, 1979.

SABLAYROLLES, J.-F. *La néologie en français contemporain*. Paris: Honoré Champion, 2000.

SABLAYROLLES, J.-F. (Org.) *L'innovation lexicale*. Paris: Honoré Champion, 2003.

### **Fonte eletrônica**

<http://www.inmetro.gov.br/infotec/publicacoes/Si/si.htm>. Acesso em: 9 jan. 2007.